

PENSAMENTO CRÍTICO DESDE A SUBALTERIDADE: OS ESTUDOS ÉTNICOS COMO CIÊNCIAS DESCOLONIAIS OU PARA A TRANSFORMAÇÃO DAS HUMANIDADES E DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO SÉCULO XXI

Lícia Maria de Lima Barbosa

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Pensamento crítico desde a subalternidade: os estudos étnicos como ciências descoloniais ou para a transformação das humanidades e das ciências sociais no século XXI. Afro-ásia*, Salvador, n. 34, p.105-129, 2006.

Os estudos das subalternidades, teorias da descolonização, ou ciências descoloniais, dentre os quais Maldonado é uma das referências com o foco nas questões de natureza étnico-racial têm importância para todas as perspectivas interdisciplinares de produção do conhecimento, na medida em que evidenciam que os paradigmas eurocêntricos hegemônicos, durante mais de meio século, fundamentaram a filosofia e as ciências ocidentais no que Grosfuguel (2008)¹ denomina de “sistema-mundo patriarcal capitalista/colonial/moderno”, com um ponto de vista universalista, neutro e objetivo.

Maldonado tem trabalhado com teorias da descolonização, muito influenciado teoricamente pelas produções de Frantz Fanon, Du Bois e das teóricas feministas não brancas.

Neste texto uma das intenções de Maldonado é aclarar a relação dos Estudos Étnicos com outras formas de estudos interdisciplinares e apresentar a diferença entre eles. Outra intenção é explicitar a noção de estudos étnicos como ciências descoloniais, que para o autor reclamam uma transformação de universidade a partir das suas bases epistemológicas.

Maldonado chama atenção que nos Estados Unidos os Estudos Étnicos são vistos como uma vertente das chamadas aproximações disciplinares ou *studies*, cuja unidade está no tema em estudo e não numa disciplina específica. Apresenta algumas críticas em relação aos estudos interdisciplinares mostrando que há visões que

¹ GROSFUGUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.464-478, 2008.

defendem que o conhecimento rigoroso e coerente sobre a realidade parte de uma unidade disciplinar e do método de cada disciplina. Outras visões críticas alegam que os estudos interdisciplinares teriam mais forma, adorno, do que conteúdo.

Para ele uma ironia com que se confrontam os estudos étnicos é que os estudos interdisciplinares têm se expandido, se legitimado nos EUA, enquanto os estudos étnicos estão cada vez mais encarcerados nos seus próprios nichos. Isso se deve a uma agenda de trabalhos críticos em torno dos discursos sobre nação. Outra razão é que se duvida muito em relação à origem desses estudos.

Nos EUA os estudos étnicos foram criados em finais da década de 60 e são vistos como resultado de políticas de afirmação da identidade, e não como expressão de problemas epistemológicos dentro das ciências. Ou seja, sua criação está relacionada a forças sociais e políticas e não a questionamentos epistemológicos, vistos como irrelevantes, mas ameaçadores.

Fora dos Estados Unidos os estudos étnicos são vistos como uma invenção imperial da academia norteamericana, uma produção caprichosa do império em sua dinâmica interior com suas minorias e, por isso, pode ser exportada, poucas vezes vista como conquista de comunidades racializadas, em que comunidades marginalizadas transgrediram a ordem mundial e exigiram mudanças.

Na distinção entre estudos étnicos, estudos de área e estudos religiosos, Maldonado dialoga com Wallerstein, a partir do entendimento deste sobre Estudos Étnicos como uma consequência não intencional dos estudos de área.

Importante destacar a perspectiva interdisciplinar desses estudos, bem como o contexto de surgimento deles, final da segunda Guerra Mundial nos EUA, quando este explicitou sua posição em ser um poder hegemônico, não só nas Américas, mas no mundo. Daí que os estudos de área referem-se a prover conhecimentos sobre regiões estrangeiras para poder avaliar seu perigo e determinar qual o tipo de resposta e ação haveria por parte dos EUA, expressando um projeto neocolonial de uma nação que se tornava hegemônica. Neste sentido Maldonado apresenta o que ele denominou de genealogia geral dos estudos afro-orientais, apontando para uma transformação de ciências colonizadoras em ciências descoloniais, já que no séc. XIX os estudos afro-orientais teriam sido uma mescla de orientalismo e antropologia, muito norteados pelo espírito colonizador do europeu. No sec. XX isso muda, a partir do surgimento dos

estudos de área e, no sec. XXI, incorpora mais centralmente os estudos étnicos, inclusive citando o Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia/Brasil.

Os estudos étnicos se orientam pela tarefa do empoderamento das comunidades despojadas de recursos de forma sistemática, priorizando grupos minoritários dentro de estado nação, portanto numa agenda de descolonização interna. Há posicionamentos que consideram os estudos étnicos como um agente político dentro da academia que está obcecado por visões identitárias e que participa de uma ontologia nacional.

Os estudos religiosos, estudos sobre religiões mundiais, precederam os estudos de área na academia estadunidense e foram os primeiros nessa perspectiva dos estudos interdisciplinares, além de que serviram como guia para a definição dos estudos de área, controlados pelas elites brancas protestantes que tinham sido deslocadas da universidade.

Uma crítica interessante que Maldonado faz a Immanuel Wallerstein no que toca à relação dos estudos étnicos com os estudos de área, é que Wallerstein liga excessivamente os estudos étnicos com os estudos de área, não explora as bases comuns entre eles e a análise do sistema mundo.

Dos aspectos apresentados pelo autor, um dos mais relevantes, sem dúvida alguma, refere-se à argumentação de que os estudos étnicos deveriam se chamar estudos descolonizadores ou descoloniais, ou mesmo ciências descoloniais, devido a suas origens, conforme mencionado. A origem dos estudos étnicos, por estar relacionada a grupos minoritários dentro de estado nação, que demandam não só um departamento, um programa ou um nicho dentro da universidade, mas uma Universidade do terceiro mundo, aponta para um aspecto mais radical, a transgressão e transcendências das disciplinas, uma perspectiva transdisciplinar orientada, uma perspectiva descolonizadora e desracializadora. Pois é possível encontrar no modelo universitário existente, um racismo epistemológico que milita contra a integração dos sujeitos de cor aos sistemas universitários e ao florescimento de formas de pensar que expressem suas perguntas, desejos, inquietudes.

Outro aspecto importante apontado por Maldonado no texto é que os estudos descolonias, mal denominados de estudos étnicos, têm uma raiz profundamente internacionalista (movimento negro nos EUA e Caribe, chicanos, porto riquenhos,

descendentes de chineses, japoneses e outros), mas se consideram nacionalistas, identitários, particularistas, dado que o desafio para as ciências descoloniais é reconhecer a diversidade, sem atropelar a unidade, reconhecer a continuidade sem menosprezar a mudança e a descontinuidade.

Como não poderia deixar de faltar numa abordagem coerente sobre o tema, Maldonado aponta limitações nos estudos descoloniais relacionadas ao imediatismo político e à exarcebação das identidades. A partir dessas limitações, parte da universidade dominante via os estudos descoloniais como um serviço terapêutico para minorias que buscavam suas identidades. A questão, então, se desvela na concepção de que a universidade dominante abre um espaço aos estudos étnicos para que haja representação étnica e não para que haja revolução epistêmica.

Questionamentos centrais para as ciências descoloniais têm a ver com: O que significa que o sujeito racializado se converta em sujeito de conhecimento? O que ocorre quando alguém que é considerado objeto se torna sujeito? Que sentido de subjetividade surge desde a experiência de ser objeto? O que se pode dizer sobre estruturas materiais e epistemológicas que legitimaram a produção de uns sujeitos como objeto?

Maldonado reflete ainda sobre as fontes intelectuais das ciências descoloniais, apontando as contribuições de Du Bois, com a noção de linha de cor ou racismo e também com o que este autor denominou de dupla consciência do negro, que consistia em se ver, em primeiro lugar, a partir da perspectiva do branco ou do sujeito em uma posição hegemônica. De acordo com o autor, o problema da linha de cor apontado por Du Bois não era o resultado ou a expressão de uma sociedade norte-americana em particular, mas se referia a uma dimensão constitutiva do humanismo moderno. Outra contribuição importante vem de Frantz Fanon, quando este trata de um novo humanismo que supere o liberalismo, através de uma práxis descolonizadora acompanhada de um novo pensar.

A discussão apresentada por Maldonado neste texto vai afunilando para o destaque que ele dá à tarefa que se coloca para o intelectual descolonizador e para os estudantes de Estudos Descolonizadores: trazer à luz as novas formas sob as quais a linha de cor se manifesta em nossos dias e abrir caminhos conceituais e institucionais para sua superação, além de reformular e reforçar a relação entre trabalho acadêmico,

ativismo social e político descolonizador, desracializador e “desgenerador”. Tudo para se criar um novo humanismo e possibilitar uma realidade transmoderna.

Nesta abordagem apresentada por Maldonado é possível destacar que diversos teóricos que compartilham da denominada crítica descolonial² (DUSSEL, 1977³; MIGNOLO 2000⁴; GROSFUGUEL, 2008) acreditam que podem contribuir para a criação de uma perspectiva crítica que tenha origem no lado subalterno e, para tal, partem das implicações da crítica epistemológica que intelectuais feministas chicanas e negras (MORAGA e ANZALDÚA, 1983⁵; COLLINS, 1990⁶), estudiosos do terceiro mundo e dos Estados Unidos dirigiram contra a epistemologia ocidental, afirmando que nossos conhecimentos são sempre situados; falamos a partir de um determinado lugar, situado nas estruturas de poder.

Os movimentos descoloniais têm como objetivo a descolonização em termos de raça-etnia, gênero, trabalho, conhecimento, sexo, religião-espiritualidade e linguagem em escala planetária e também nacional (BERNARDINO-COSTA, 2007⁷). Aníbal Quinjano, sociólogo peruano, foi quem melhor definiu e sistematizou o conceito denominado por ele como colonialidade do poder, que é chave nas chamadas teorias da descolonização. Entende-se como colonialidade do poder e do conhecimento, uma interseccionalidade de múltiplas e heterogêneas hierarquias globais de formas de dominação e exploração sexual, política, epistêmica, econômica, espiritual, linguística e racial, em que a hierarquia étnico-racial reconfigura transversalmente todas as restantes estruturas globais de poder. O que a perspectiva da "colonialidade do poder" tem de novo é o modo como a ideia de raça e racismo se torna o princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo. (GROSFUGUEL, 2008).

Concordo com Maldonado quando ele chama atenção para a contribuição das perspectivas da descolonização no sentido de que elas podem auxiliar uma

² crítica descolonial - crítica do eurocentrismo por parte dos saberes silenciados, subalternizados.

³ DUSSEL, Enrique. *Filosofia de Liberacion*. Mexico: Edicol, 1977.

⁴ MIGNOLO, Walter. *Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

⁵ MORAGA, Cherie; ANZALDÚA, Glória (orgs.) *This Bridge Called my Back: Writing by Radical Women of Color*. New York: Kitchen Table/Women of Color, 1983.

⁶ COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. First Edition, New York And London: Routledge, 1990.

⁷ BERNADINO-COSTA, Joaze. Colonialidade do poder e subalternidade: os sindicatos das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, v., n. 14, p.311-345, 2007. Jan-jun.

transformação nas bases epistêmicas do conhecimento e não apenas uma representação étnica, de gênero, das sexualidades, econômica nos centros e formas de produção do conhecimento.

Afinal, as ciências descoloniais, as abordagens feministas pós-estruturalistas, das feministas negras, latino-americanas, lésbicas, de países de terceiro mundo e ex - colônias têm contribuído bastante para se pensar a pluralidade interna das ciências, criticando os essencialismos e mostrando como a investigação científica é localizada e subjetivamente produzida. Há uma diversidade de epistemes, e o conhecimento prima pelo caráter contextual e incompleto. É o que nos lembra Boaventura Souza Santos, com a sua ecologia dos saberes, ou como adotado por Gomes (2010)⁸, ecologia da prática de saberes.

RECEBIDO EM: 01 de novembro de 2012

APROVADO EM: 12 de dezembro de 2012

⁸ GOMES, Nilma. Intelectuais Negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516.